



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
PROFESSOR ORIENTADOR: LUIZ CLÁUDIO FERREIRA
ÁREA: PRODUTO - DOCUMENTÁRIO

JOSÉ MACIEL DE MELO

DUPLO EMPREGO ESPORTE CLUBE

BRASÍLIA
2012

JOSÉ MACIEL DE MELO

DUPLO EMPREGO ESPORTE CLUBE

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado como um dos requisitos
para a conclusão do curso de
Comunicação Social / Jornalismo do
UniCEUB - Centro Universitário de
Brasília

Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2012

JOSÉ MACIEL DE MELO

DUPLO EMPREGO ESPORTE CLUBE

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado como um dos requisitos para a conclusão do curso de Comunicação Social / Jornalismo do UniCEUB - Centro Universitário de Brasília

Brasília, 06 de Novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Prof. Severino Francisco
Examinador

Prof. Sérgio Galdino
Examinador

Brasília
2012

AGRADECIMENTOS

Quando coloquei meus pés, no UniCEUB, no dia 09 de fevereiro de 2009, não passava pela minha cabeça a emoção que viveria até este final de 2012. Muitos ensinamentos, vivências, amizades foram proporcionadas nos momentos em que estava na faculdade. Por isso, agradeço a Deus, pois, através do discernimento e da sabedoria pude confirmar os frutos de uma das escolhas mais expressivas da vida.

Junto ao desenvolvimento deste trabalho, um fator me acompanhava. Cinco letras, que ditam a evolução humana e que no jornalismo, facilmente, se torna inimigo primeiro de qualquer repórter. Tão criticado, o tempo me ensinou bastante nesses anos de graduação, mas acima de tudo, foi através dele que conheci pessoas que de certa forma contribuíram para meu crescimento profissional e pessoal.

Mesmo longe de casa, fazendo pautas, editando, realizando gravações, sempre busquei colher os frutos da bondade, lecionados pela minha primeira escola, minha família. Do fundo do coração, obrigado, Maria Helena Maciel de Melo, Silas Martins de Melo, Amélia Joaquim de Oliveira, avô, tios, tias, primos, por não se omitirem nos momentos que precisei confiar compartilhar meus pensamentos e planos com vocês.

Também não me esqueço dos amigos formados nesta instituição. Tanto professores, quanto colegas de classe, companheiros de profissão. Primeiramente fico feliz por ter contado com o apoio de dois fantásticos docentes, Carolina Assunção e Alves e Luiz Cláudio Ferreira. Mentores, orientadores, amigos acima de tudo. Jackson de Sena, Samuel, obrigado por toda a parte operacional disponibilizada.

Chego aos companheiros de profissão. Saudosos, brilhantes, competentes etc. Talvez usasse o número de páginas desta monografia só com elogios para agradecê-los pelo apoio prestado, não só neste trabalho, mas também pela parceria alimentada ao longo desses quatro anos de jornalismo na universidade. Muito obrigado, Lucas Pacheco Barreto, ao gamense Sérgio Vinicius, Vinicius Werneck,

Camila Griguc, Rafael Miller, Rodolfo Costa, Willian Farias, Felipe Igreja, Luciano Villalba, Sthael Samara, José Maurício de Oliveira, Klaus Barbosa, Gabriel Ramos, todos vocês, diariamente fizeram parte desta minha formação acadêmica.

Também agradeço a ajuda e força dos amigos que tenho fora do curso de Jornalismo. A compreensão por cada momento em que renunciei convites, com a finalidade de concluir esse projeto, que dia-a-dia, durante os últimos sete meses foi se tornando concreto. Obrigado, em especial à Leandro Souza, Robmilson Júnior pelo apoio prestado, me auxiliando em entrevistas ou disponibilizando contatos.

Para terminar, compartilho o trecho de uma música que conheci na época de Ensino Médio, e que serviu de trampolim para algumas conquistas em minha vida. *Face Your Fears And Live Your Dreams*, da banda paulistana Abrasion, em português diz: encare os seus medos, viva seus sonhos. *“Time is passing, passing by. But your eyes can see the way. Run to your paradise. Make it part of your day”*, traduzindo, “o tempo está passando, passando. Mas os seus olhos conseguem enxergar o caminho. Fuja para o seu paraíso. Torne-o parte do seu dia”. Obrigado, obrigado!

RESUMO

Este é o memorial descritivo do documentário “Duplo Emprego Esporte Clube”, sobre jogadores no Distrito Federal que precisam ter outras atividades profissionais para sobreviverem. Já dizia Nelson Rodrigues que o Brasil é uma pátria de chuteiras. Além de ter se tornado o país do futebol, essa terra tupiniquim ainda coleciona personagens e histórias devido à grandeza do esporte. Tal fato se espalhou pelo país e, o Distrito Federal também tem suas crônicas esportivas. No centro do poder, o ano de 2012 seria mais uma tentativa do futebol brasiliense ter uma distinção do passado recente, dentro e fora dos campos. Mas o que Duplo Emprego Esporte Clube verificou foi que a inexpressividade e a falta de apoio ao esporte, a dois anos da Copa do Mundo no país, continuam marcando presença constante nos clubes do DF. Tanta falta de gestão gera uma anormalidade na vida dos atletas. Jogadores que deveriam se dedicar somente à carreira profissional dividem os sonhos com rotinas de trabalhos e outras ocupações e, mesmo assim, cultivam a esperança de uma melhora no futebol local.

Palavras-Chave: Futebol. Emprego. Ocupação. Distrito Federal.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	7
1.1 - Objetivos.....	8
1.2 - Justificativa.....	9
2 - BASE TEÓRICA.....	11
2.1 - Contextualização.....	11
2.2 - O valor-notícia no esporte.....	16
3 - GÊNERO DOCUMENTÁRIO.....	19
4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
4.1 - Personagens.....	21
4.2 - Relatório de atividades.....	24
5 - EDIÇÃO E ROTEIRO.....	30
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
7 - REFERÊNCIAS.....	34
8 - APÊNDICE.....	37

1 INTRODUÇÃO

No final da segunda metade do século 19, surgiu, no Brasil, o que foi apresentado como uma incógnita e que iria se transformar em paixão. Um esporte que descendia dos ingleses chegou ao Brasil por intermediação de Charles William Miller, um paulistano que foi estudar no Inglaterra e trouxe na bagagem uma bola e a tábua de regras do *soccer*. No entanto, de acordo com a obra de Mário Rodrigues *O Negro no Futebol Brasileiro*, a elite do país, situada no Rio de Janeiro, até então a capital brasileira, aclamava uma competição que acontecia sobre as águas, o remo.

A reviravolta na situação, ainda segundo a obra de Mário Rodrigues, começou nos subúrbios cariocas. O futebol não exigia muitos custos, além de integrar a maior parte dos moradores, na sua pluralidade, negros. E foram eles os responsáveis para a inclusão do futebol no cotidiano da sociedade carioca. O time do Fluminense contribuiu bastante para essa história de “implementação” do futebol no Brasil. Daí em diante o precipício social em que se encontrava o esporte, foi sendo quebrado e o futebol caindo nas graças do povo brasileiro. Os clubes que disputavam o remo se renderam e tornaram-se grandes agremiações do futebol.

Mesmo perto de receber uma Copa das Confederações e sediar sete jogos da Copa do Mundo FIFA, em 2014, o Distrito Federal seguia, no ano de realização desta pesquisa, no que o noticiário aponta como “calvário do futebol”. Conforme foi divulgado pela imprensa local, o sofrimento é tanto que alguns clubes chegaram a desistir de disputar o torneio local, às vésperas do início da competição, por falta de dinheiro para pagar o elenco.

Um primeiro exemplo pode ser a equipe do Legião, agremiação integrante da primeira divisão do futebol brasiliense, e que durante o primeiro turno do campeonato de 2012, segundo informações da imprensa local, contava com apenas R\$ 6 mil para pagar jogadores e comissão técnica. Já um exemplo envolvendo um grande clube da cidade é o da Sociedade Esportiva do Gama. A federação local pediu o bloqueio de um pouco mais de R\$ 30 milhões.

Este trabalho de conclusão de curso apresenta o vídeo-documentário Duplo Emprego Esporte Clube, que exhibe um pouco da rotina de jogadores que disputam o campeonato e também lutam para manter a família e sobreviver fora do mundo da bola.

Ao todo, foram oito gravações. Histórias distribuídas em imagens e depoimentos de jogadores que atuam no Distrito Federal. O goleiro que foi jornalista e cobrador, o lateral-direito que trabalha na noite como vigia. O atacante revelação do campeonato, que mantém sua rotina entre um escritório de contabilidade e os treinos do seu clube. O zagueiro que deixou de ser auxiliar em um hospital particular, para vestir a blusa do time mais expressivo da cidade, o estudante do segundo ano do ensino médio, o jovem que veio do Piauí para jogar futebol em Brasília, o professor de academia, o assistente administrativo que se desiluiu e hoje leva o futebol como hobby.

1.1 Objetivo

O objetivo deste documentário - com base em uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, sobre desenvolvimento econômico no futebol - visa a retratar por um filme documentário o que os jogadores, que praticamente vivem de cerca de um salário mínimo (com base nas entrevistas orais realizadas), fazem para complementar a renda de suas famílias e também como esses atletas profissionais conciliam a rotina de treinos com uma segunda ocupação.

O filme nasce no contexto de que há alguns anos é perceptível a queda livre em que se encontra o futebol do Distrito Federal. A última grande glória foi em 2007, quando o Brasiliense - time detentor da hegemonia no futebol local neste século, com sete títulos do principal torneio - chegou a um passo de estar na final da Copa do Brasil, o segundo maior campeonato em âmbito nacional.

Com a inexpressividade marcando presença nos campos de jogo, além da falta de apoio financeiro, a situação dos times no ano 2012 passou por um imbróglio judicial. Dois clubes ameaçaram não disputar partidas antes e durante o decorrer do

campeonato. Dessa maneira, o campeonato sofreu um atraso em relação aos demais torneios regionais do país.

Em busca dos jogadores, muitas histórias foram conhecidas e, com elas muitas situações de vida acabaram reveladas nas filmagens e não só nos meros depoimentos em *off*. As causas para se ter dois trabalhos muitas vezes impressionam, já que o futebol, além de paixão, é também visto como uma grande e inesgotável fonte de renda.

O filme mostra uma situação bem diferente do que é esperado e visto no futebol exibido em reportagens. “Se todas as batalhas dos homens se dessem apenas nos campos de futebol, quão belas seriam as guerras”, disse uma vez Augusto Branco. E é nessas lutas pela vida que Duplo Emprego Esporte Clube busca seu objetivo.

1.2 Justificativa

O modo de fazer jornalismo tem, cada vez mais, assegurado o princípio da criatividade em matérias e reportagens. De fato, um documentário por si só tem em sua essência essa característica de inovação, profundidade que não seria tão bem aplicada em outro meio de mídia.

A escolha pelo vídeo, por um documentário jornalístico teve a intenção de mostrar a dificuldade do futebol na capital do país. Uma anormalidade para quem acompanha o futebol do eixo Rio-São Paulo.

A notícia agregada ao auxílio da imagem é valorizada, seja ela em jornal impresso, internet e etc. Com o vídeo não é diferente. Expressões faciais e situações se tornam bem mais evidentes e profundas aos olhos humanos, do que teria em outro meio.

[...] No documentário a imagem não é utilizada com fins meramente ilustrativos ou para confirmação do que é dito; a exploração do seu lado conotativo é o que de mais importante o documentário imprime nas imagens que utiliza. São elas o elemento essencial do documentário e que se sobrepõem ao que possa ser dito. (PENAFRIA, 1999. p.23)

Portanto, retratar o cenário do futebol local dentro e fora dos campos acaba emanando um trabalho de produção envolvente, curioso e agradável para a cobertura esportiva. Além disso, as histórias, os personagens que já se previam antes mesmo das entrevistas, pronunciavam os relatos que a pesquisa jornalística procura, as narrativas humanas.

2 BASE TEÓRICA

2.1 – Contextualização

Demorou bastante, mas o Brasil virou sinônimo de futebol pelas suas conquistas diante do mundo. Único país com cinco copas do mundo, inúmeros jogadores premiados internacionalmente, além de ser considerado um celeiro de jogadores, essa terra tupiniquim passou por muitas histórias antes de ser glorificada mundialmente como o país do futebol.

Podemos dizer que o futebol, no Brasil, é um modo de vida, e também uma maneira de explicar o país, como opina Marcos Guterman¹ em seu livro e bem como a ESPN BRASIL apresenta no terceiro capítulo de uma reportagem especial, intitulada *Capitais do Futebol*², quando acompanha a preparação da cidade carioca para o jogo entre Flamengo e Fluminense, pelo campeonato carioca de 2011. No entanto, distante desse *glamour* que as metrópoles do futebol apresentam e proporcionam atualmente, há situações totalmente adversas.

É normal que boa parte da sociedade hoje tenha uma dupla rotina de vida. Conciliar, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), é uma atividade praticada por mais de quatro milhões de pessoas, no Brasil, e 46 mil habitantes no Distrito Federal.

Outra pesquisa³ que aborda desenvolvimento econômico no futebol brasileiro, realizada por Pedro Trengrouse, advogado, consultor da ONU para a Copa do Mundo de 2014 e coordenador de Projetos da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra alguns dados e influências sobre o esporte.

Divulgado em janeiro deste ano, o estudo aponta que o futebol no Brasil rende hoje R\$ 11 bilhões de reais, mas tem capacidade de alcançar e render até R\$ 62 bilhões. O número de postos de trabalhos gerados pelo futebol também atraem a

¹ O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país

² Capítulo referente à cidade do Rio de Janeiro

³ Futebol brasileiro, um negócio mal feito

atenção. O número de pessoas que trabalham na área futebolística é de aproximadamente 371 mil, mas com uma boa gestão poderia atingir 2,1 milhões de brasileiros.

Ainda segundo o levantamento de Trengrouse, hoje, 83% dos clubes de futebol do Brasil formam times para trabalharem apenas quatro meses no ano. A causa está diretamente ligada à má gestão. Os clubes não conseguem criar fontes de receita e dependem divinamente da mídia, para terem alguma condição financeira para estarem em plena atividade. A pesquisa ainda estima que mais de 1/3 do dinheiro que entra nos cofres de times é referente a direito de imagem. A venda de jogadores é a segunda maior fonte de renda das agremiações brasileiras, com apenas 21%.

Para elucidar o estudo de Pedro Trengrouse, o campeonato candango, no Distrito Federal, é um grande exemplo que o futebol não é mil maravilhas. Podemos notar isso, observando o trabalho da Federação Brasiliense de Futebol (FBF), que há ficou mais de um ano sob intervenção da Justiça comum, devido um convênio com o governo local há quase 10 anos, e também analisando a mídia esportiva local.

Pouco espaço é concedido nas emissoras de tevês, rádios e jornais ao campeonato local. Os dois maiores times locais, Gama e Brasiliense, passam por um período complicado. O primeiro vive uma crise financeira que ainda não se aproxima do fim e pela primeira vez, em 17 anos, não vai disputar mais nenhuma competição com o término do torneio local. O segundo apresenta uma razoável melhora. Na briga da Série C do Campeonato Brasileiro, pelo segundo ano consecutivo, o Brasiliense fez neste ano a sua pior campanha no torneio local, ocupando a quarta colocação no geral.

Em equidade da má administração, clubes como, Brazlândia, Dom Pedro, Capital, Botafogo-DF e outros, fazem o planejamento somente para a disputa de torneios locais e não passam de quatro meses de atividade no ano. Fato que tornam os jogadores dos clubes candangos parte dos 83 % que buscam outras fontes de renda.

Com os baixos recursos do futebol candango, surgiram dúvidas. Como que os jogadores dos clubes da Capital Federal mantêm a vida e o sustento da família dependendo apenas do futebol, sendo que os clubes mal pagam os salários? Como que um atleta profissional, que não ganha o necessário, consegue sobreviver? Qual a segunda profissão de jogador de futebol da elite local? O que a segunda rotina influencia dentro de campo? Como é a história de vida desses “lutadores” pela sobrevivência?

São questões como estas que o jornalismo busca responder. Seja por uma folha de papel, pelas ondas do rádio, na imagem televisiva ou pela internet. Contar um fato é acima de tudo vivê-lo, entender suas origens e após isto transcrevê-los. Experiente na arte e no desafio de viver o fato, o jornalista Paulo Vinicius Coelho⁴, em sua obra ⁵, explica o ponto de partida para um bom trabalho na área esportiva.

A noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. O ponto-chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que noção de realidade (COELHO, 2003. p.17).

Segundo o autor, Nelson Rodrigues tinha essa característica, de ir além, quando escrevia, e muitas vezes sem ver jogo de futebol algum. Nelson tinha “a dramaticidade, que servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador” (COELHO, p.41).

Para o bem do jornalismo esportivo, a realidade, o fato não fica somente entre as quatro linhas de um campo de futebol, ou até mesmo preso em ginásios e autódromos. O que se tem notado nos últimos tempos é que o jornalismo esportivo ficou mais amplo e tem buscado alternativas para realizar pautas, fora das competições esportivas. “O melhor é sempre informação com criatividade, nada melhor do que transpirar em busca da correção e da genialidade. Até porque jornalismo é profissão em que transpiração vai sempre valer mais do que inspiração” (COELHO, p.54).

⁴ Paulo Vinicius Coelho, o PVC, é jornalista desde os 18 anos. Foi repórter da revista PLACAR, repórter, editor e colunista do jornal O Estado de S.Paulo e desde 2000 é comentarista dos canais ESPN. Cobriu as Copas de 1994, 1998, 2006 e 2010 e tem mais tempo de profissão do que tinha de vida, quando começou a trabalhar.

⁵ Jornalismo Esportivo

No entanto, há de se tomar cuidado para não exagerar na criação de possibilidades. Como sugere um dos princípios éticos do jornalismo, a imparcialidade deve ser mantida. Algo que tem sido raro segundo Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, que defendem esse cuidado, “Há um exagero das matérias esportivas ‘engraçadinhas’ o que passa um aspecto de falta de seriedade. Há um limite entre o bom gosto e o jocoso” (BARBEIRO e RANGEL, 2006 p.37). Muitas vezes, esses exageros citados pelos autores, combinados à noção de que o produto serve à indústria cultural⁶, acaba fazendo com que o jornalismo esportivo seja considerado uma espécie de entretenimento. Isso acontece, pois, a emoção, que existe e deveria ser domada, toma o lugar da função social, que deve ser o aspecto mais importante, não só nos esportes, mas em qualquer estilo de jornalismo atualmente.

Exemplo ocorrido no dia 15 de novembro de 2010 disso pode ser encontrado em programas locais de esporte, como o da Rede Globo. Naquela data, a edição conferiu destaque para uma reportagem sobre uma barbearia temática, que homenageia o futebol, em Brasília. O vídeo que foi ao ar mostrou a interação do local com o tema do futebol, inclusive objetos e promoções sobre o futebol. Isso mostra o quanto é possível executar uma pauta extracampo, na área de esportes. E a região do Distrito Federal proporciona algumas pautas diferentes dos principais pólos do futebol no Brasil.

Se voltarmos às estatísticas do estudo de Pedro Trengrouse, pode se verificar que mais de 80% dos times brasileiros formam um grupo para trabalhar apenas quatro meses no ano, a mesma duração do campeonato candango. Assim, a dupla rotina nos times candangos se torna algo normal nessa situação: jogadores que trabalham a noite e treinam durante o dia e até mesmo que cursam alguma faculdade, compõem a realidade do futebol candango. Essa situação não se torna entretenimento para o jornalismo. Torna-se matéria-prima.

Retratar algo que acaba interferindo no rendimento de jogadores dentro de campo, e que abrange assuntos relacionados ao esporte, como por exemplo, a

⁶ Quando a indústria produz dialética e a crítica não é crise: Notas sobre o conceito de indústria cultural

economia. “A reportagem não é uma sucessão de datas, nomes e fatos. É muito mais, por isso é necessário uma abordagem através de uma reflexão sociológica e histórica” (BARBEIRO E RANGEL, p.26). O *Manual do Jornalismo Esportivo* ainda completa: “[...] se o pauteiro encontrar um gancho e novo enfoque para a descoberta da pólvora, também vale (BARBEIRO e RANGEL, p.27). A pauta é sempre a bússola do profissional jornalista.

Em busca de um bom resultado é sempre preciso pensar em uma boa produção. Conforme explica Paulo Vinícius Coelho, “o jornalismo esportivo precisa ser diferenciado das demais áreas” (COELHO p.115). Isso deve se aplicar em cada momento desde a montagem da pauta, a realização da entrevista e o término na edição de todo material. Preocupar-se com a condição do material produzido, é altamente importante, pois, como dito acima o público brasileiro acompanha atentamente a cobertura esportiva, em o futebol.

No caso de Duplo Emprego Futebol Clube, que será feito em forma de documentário esportivo, o futebol, não será o carro-chefe, mas sim a dupla rotina mantida por cada jogador, que aceitar participar do filme. O documentário esportivo pretende retratar com afinco os atletas, o que não entraria no cronograma de uma grande reportagem devido a falta de subjetividade que o gênero demonstra ⁷.

Outro fator que contribui para a execução de um filme documentário é o tema, a notícia, o tema proposto. Enquanto reportagens prezam por pautas, assuntos calorosos e factuais, o documentário é preferível para temas que não se degradam com o decorrer do tempo. Ou seja, o filme pode ser feito sobre algo que ocorreu há certo tempo, ou algo que já aconteceu.

Um cenário como o Distrito Federal, onde pouco se investe na prática do futebol, a Federação Brasiliense de Futebol contou no ano de 2011 com uma receita acima de R\$ 700 mil para realizar o campeonato brasiliense das séries A e B além de eventos amadores - Para efeito de comparação, um levantamento do mais importante campeonato nacional, o Brasileirão, feito pelo site *Máquina do Esporte* apontou que somente no primeiro turno da edição de 2011 do torneio foram

⁷ Diferenças entre documentário e reportagem

arrecadados R\$ 48,4 milhões. Uma reportagem do jornal *Correio Braziliense*, de 26 de setembro de 2011, aponta que a falta de patrocínio é a causa da ausência de recursos e da carência de atletas mais preparados no futebol candango.

O que vemos de factual no futebol - não só o brasileiro, mas também no internacional - está presente nas estatísticas de cada campeonato, nas tabelas, dentro de campo e nos bastidores esportivos. Fora de campo, sem chuteiras e uniformes, cada atleta leva um modo de vida completamente distinto. Dentro das filmagens, a narração e até mesmo a sequência de imagens influenciam o espectador a se envolver, se identificar com a história, relato, com a descrição da realidade.

2.2 O VALOR-NOTÍCIA NO ESPORTE

Diferente de outras nações, o futebol no Brasil se tornou o esporte mais próximo da diversidade cultural alcançada pelo país. A paixão é tão grande que levou a região a ser chamada de país do futebol, mesmo sem o esporte ter sido criado por aqui. Tal decorrência pode ser notada, observando o levantamento de um portal na internet feito, especialmente, para acompanhar a preparação do Brasil para a Copa do Mundo de 2014. As raízes do futebol, espalhadas pelas cinco regiões do país, movimentam quase 30 mil clubes e mais de 13 milhões de jogadores.

Como explica Li-Chang Shuen Cristina Silva Sousa, em seu estudo sobre a noticiabilidade esportiva, essa mudança se deu “[...] quando os jornais, primeiro, e o rádio e a televisão depois, descobriram o esporte enquanto conteúdo houve uma alteração em sua dimensão lúdica: o esporte passou a ser notícia”.

Tomando como base os dados divulgados, unir os vínculos entre futebol e sociedade pode se tornar algo arriscado do ponto de vista jornalístico. Isso porque, geralmente, um evento esportivo mobiliza quase que integralmente a sociedade brasileira. Pode-se notar isso a cada quatro anos, quando, praticamente, o país pára, com a realização da Copa do Mundo de Futebol. Sabendo disso, os grandes veículos, cada vez mais, têm buscado a melhor e irrestrita cobertura esportiva de

determinado evento, como explica Leonel Azevedo de Aguiar⁸ e Luisa Prochnik⁹, em sua análise.

O estudo¹⁰ apresentado pelos professores mostra com fundação nos apontamentos de Nelson Traquina, o poder de importância e interesse exercido pelo esporte, em especial, o futebol, no mundo da comunicação. Valor que leva em conta, uma série de fatores para se rotular a notícia. Proximidade, relevância, consonância e tempo são pontos que podemos considerar notórios para a produção de Duplo Emprego Esporte Clube.

A adjacência, não física, mas sim a cultural do futebol com a sociedade, se tornou o primeiro passo na tentativa de buscar algo novo, em um assunto que faz o Brasil empacar. Como afirma Aguiar e Prochnik em suas conclusões do estudo apresentado, “a proximidade cultural do país com o futebol é, portanto, um fator que reforça a importância... para um acontecimento ser noticiável”. O estudo frisa ainda, que só com essa condição já despertaria a compreensão do telespectador ou leitor.

O fator relevância segue paralelamente o contorno da aproximação, simplesmente, pelo fato do futebol ter se tornado intenso e abrangente, em nível internacional. Os autores apontam essa significância das chuteiras, ao citarem a realização da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul. Na linha de pensamento da notícia, a rotina extracampo dos atletas se enquadra, perfeitamente, na consonância jornalística, que é o modo de procurar o novo em um assunto já antigo, como é a situação do futebol, e que também.

Com o auxílio de imagens, a produção de uma pauta se torna mais ampla, ganha um redimensionamento maior do valor-notícia, do que teria se o mesmo tema fosse relatada em uma página de jornal, revista, ou descrita pelas ondas do rádio.

⁸ Doutor e Mestre em Comunicação (UFRJ). Professor de Pós-graduação em Comunicação e coordenador do Curso de Jornalismo da PUC-Rio. Jornalista (UFF) e coordenador do Grupo de Pesquisa em Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais.

⁹ Mestre em Comunicação pela PUC-Rio. Jornalista (FACHA) e integrante do Grupo de Pesquisa em Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais.

¹⁰ Questões metodológicas sobre a teoria do *newsmaking*: um estudo de caso sobre o jornalismo esportivo

Essa conexão com o recurso visual pôde ser constatada na observação de Li-Chang Shuen Cristina Silva Sousa, que define as imagens como a notícia em si.

As filmagens de Duplo Emprego Futebol Clube, por ser de um documentário, foram centradas nos personagens, jogadores e também em pessoas próximas aos atletas. Essa medida vem a ser classificada, por Nilson Lage, como entrevista em profundidade, uma maneira buscar “a intimidade do entrevistado, a partir dos dados como sua roupa, seus gestos, seu olhar, a expressão facial e o ambiente” (LAGE, 2008. P.87).

Essa técnica pode ser aprofundada com a interpretação de um estudo da pesquisadora Gaye Tuchman, onde afirma que o “manuseamento da história, isto é, de certos procedimentos perceptíveis ao consumidor de notícia, protege o jornalista dos riscos da sua atividade, incluindo os críticos” ¹¹.

¹¹ Gaye Tuchman; A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas

3 GÊNERO DOCUMENTÁRIO

Mais do que um simples pretexto de descontração e lazer, o cinema tem se firmado, segundo Fernão Pessoa Ramos (2005), como objeto de estudo e de reflexão para a sociedade contemporânea. Para isso, o principal recurso que a sétima arte utiliza é a sua grande capacidade de comunicação.

Ainda de acordo com Ramos, uma dessas capacidades é o vídeo-documentário, gênero que tem a intenção de apresentar seus temas de forma mais abrangente, buscando sustentação na realidade. Por conseguinte, são inúmeras as maneiras de se passar uma mensagem e expor uma situação, o que muitas vezes confunde o gênero documentário com uma reportagem para televisão.

A diferença dos conceitos é algo intrínseco na maneira de visualizar o produto. Muito mais amplo que uma reportagem, o documentário necessita despertar no olho de quem o produz uma versatilidade, “uma presença humana que se faz sentir em cada plano e na ligação entre eles” (PENAFRIA, 2009). Tudo tem de ser pensado para mostrar ao telespectador uma grande proximidade com a realidade humana.

O documentário ocupa uma posição ambígua e polêmica na história, teoria e crítica do cinema. Se por um lado, recorre a procedimentos próprios desse meio: escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação e montagem, separação de fases de pré-produção, pós-produção, etc.; por outro, procura manter numa relação e grande proximidade com a realidade, respeitando um determinado conjunto de convenções: registro in loco, não direção de atores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo, etc. (MELO, Cristina Teixeira de CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2002, Salvador / BA).

A narração e até mesmo a sequência de imagens influenciam o espectador a se envolver, se identificar com a história, relato, com a descrição da realidade. Na tela, segundo a autora Manuela Penafria, quanto mais tempo um personagem permanecer, maior será o envolvimento dele com o público. Daí se tira mais explicitamente o tamanho da importância do instrumento realidade.

Socialmente, uma série de procedimentos nos informa o tipo de narrativa a que estamos tendo acesso. Também aqui, é razoável afirmar que o estatuto de documentário ou ficção, que a narrativa adquire socialmente, em geral coincide com os objetivos dos realizadores do filme. (RAMOS, Fernão Pessoa. O que é documentário? UniCAMP, Campinas, São Paulo)

Assim como citado anteriormente, o vídeo-documentário Duplo Emprego Esporte Clube, procura manter no contexto a imparcialidade jornalística, além de alimentar a capacidade de abrir uma discussão sobre o tema apresentado. Em compensação, “[...] a grande vantagem do documentarismo é que a realidade se manifesta, inevitavelmente [...]”, (PENAFRIA, Manuela. O paradigma do documentário, 2009, p.79).

Barry Hampe¹² aponta que a arquitetura do filme documentário tem uma constante dependência dos recursos técnicos.

Boas imagens não aparecem do nada. É preciso planejamento. Você deve estar pronto a reconhecê-las e, o mais importante, estar pronto para filmá-las quando elas acontecerem. Então você deve selecioná-las e organizá-las para apresentar um argumento visual aos espectadores. (HAMPE, Barry. Escrevendo um documentário. P. 1)

Assim, de acordo com o autor, o material disponível para roteiro e edição fica bem mais amplo, além de aumentar a capacidade de vínculo do telespectador durante uma exibição. O que pode manter a compreensão entre tela e tevente e que também é apontado como enorme no vídeo documentário é que foi citado no capítulo anterior. A temática é mais um diferencial da reportagem de televisão. No documentário o assunto não pode expor superficialidade, pelo contrário e por mais simples que seja manifesta um abrangência do tema, como explica Manuela Penafria. “As temáticas abordadas podem respeitar a qualquer aspecto da vida das pessoas e dos acontecimentos do mundo [...]; ou seja, aqui não é necessário que chegue o verão para se falar sobre incêndios” (PENAFRIA, 1999, p.24).

¹² Escrevendo um documentário

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A ideia de fazer o documentário surgiu em conversa com o professor Luiz Claudio Ferreira, durante uma reunião do Jornal Esquina, no segundo semestre de 2011. O docente tinha já comentado sobre uma reportagem que havia saído no jornal laboratório da faculdade sobre duplo emprego no futebol do Distrito Federal. A matéria, porém já era antiga e assim aproveitei a oportunidade e pesquisei mais sobre o assunto em âmbito nacional e distrital.

Na época, uma reportagem do jornal Correio Braziliense, do dia 26 de setembro de 2011, relata a falta de patrocínio como causa da ausência de recursos e da carência de atletas mais preparados. A matéria apresentava alguns dados do futebol candango, como o maior valor que uma equipe tem para a disputa da segunda divisão: R\$ 200 mil, pela lógica cada jogador receberia, aproximadamente, dois mil reais por mês, mas com o decorrer da reportagem, percebe-se que nem tudo é mil maravilhas no futebol.

Há gastos dos mais variados tipos em clube de futebol: treinamentos, equipamentos, locomoção e despesas com logística. Do outro lado, a reportagem mostrava uma equipe que também disputa a série B paga no máximo um salário mínimo para seus atletas, e o pagamento depende da experiência que os esportistas possuem.

Já em 2012 uma indefinição pairou sobre o campeonato local, colocando em dúvida a realização ou não das filmagens. Os times estavam a mercê de verbas públicas, o que atrasou em 20 dias o começo dos jogos. A situação acabou com dois times, que estavam na Serie B do campeonato brasiliense, subindo de forma emergente para a disputa da elite local, que começou na metade de fevereiro.

4.1 Personagens

As gravações de Duplo Emprego Futebol Clube começaram no dia 14 de março de 2012, em Brazlândia, cidade- satélite do Distrito Federal. O primeiro personagem foi o goleiro do time da cidade. Era um dia nublado e de muito vento.

Foram utilizados dois lugares para a gravação: um campo em frente ao estádio pequeno estádio da Chapadinha e o campo de dentro do estádio. Durante mais de 20 minutos Abraão contou sua história de vida. Como ele já tinha parado de trabalhar, o procedimento foi levá-lo para reencontrar amigos, em um de seus antigos trabalhos, na rodoviária da cidade.

Foram feitas imagens em todo o setor de embarque e desembarque, e ainda dentro de um ônibus coletivo. Sentado na cadeira do cobrador, o então goleiro se recordou de histórias e contou histórias da sua rotina de cobrador e ao mesmo tempo de jogador. Abraão revelou uma história alegre e um drama que viveu do lado da catraca. Um assalto sofrido durante a noite foi o destaque do goleiro, que teria de pagar para a empresa que trabalhava todo o prejuízo. Então, os amigos conquistados nas viagens o ajudaram a quitar a dívida sem que ele fosse descontado do salário.

Junto com as filmagens foram realizadas também fotos, para alguma eventual arte gráfica no processo de edição. Tudo para se ter o maior número de material possível. Outra câmera, com mais mobilidade também auxiliou nas gravações para ter outro ângulo do jogador.

No início de cada gravação foi pedido aos jogadores uma rápida apresentação: nome completo, idade, cidade que mora e profissões. Imagens de cada trabalho também completam o material bruto das gravações. Além das imagens feitas com o equipamento da faculdade foram concedidas também, sob autorização, imagens da TV Brasiliense, que transmite e guarda em seu acervo cada jogo do campeonato brasiliense, com narração e variedades no ângulo de imagens.

O segundo personagem foi o lateral-direito Johnny, que defendeu a Sociedade Esportiva do Gama, clube de maior tradição e torcida no Distrito Federal, na disputa do último certame local. O jogador trabalha como vigilante em uma escola de ensino médio, dentro de um complexo esportivo no Núcleo Bandeirante. O período de trabalho do atleta é de 12h dia sim, dia não. Quando há treinos em dois períodos, Johnny passa por uma maratona. Quando o treino é pela manhã ele sai do

trabalho e apenas passa em casa para ir ao Centro de treinamento. Quando o treino é a tarde o jogador sai do treino direto para o colégio.

O atacante Néllisson foi entrevistado no apagar das luzes, depois da desistência de dois jogadores. Destaque do Luziânia no campeonato deste ano, o jogador ajudou o time a conquistar o primeiro turno do campeonato candango, a Taça JK, com sete gols. Em rumores que já esteja negociando sua transferência para um clube da Série A do campeonato brasileiro, o jogador segue trabalhando como office-boy, em um escritório de contabilidade na cidade goiana, há 80 KM do centro de Brasília. O jogador conta com apoio do patrão para conciliar a rotina, já que o time é um dos finalistas do campeonato candango.

De todos, Gilson Serejo foi quem mais deu sorte na carreira. Com 23 anos, o zagueiro hoje defende o Brasiliense Futebol Clube, mas já atuou pelo Brazlândia e ao mesmo tempo trabalhava como auxiliar de faturista em um hospital particular de Taguatinga. Para complementar a renda, o jogador que mora em samambaia e já é casado começou a vender bombons recheados que uma tia fazia dentro do hospital. Com o contrato com o Brasiliense. O jogador abandonou o emprego, mas concordou em reviver o que fazia antes.

Em uma entrevista que não teve o resultado esperado, apareceu o meio-campista Bruno. Atualmente professor de academia, o atleta, atualmente está no time da Universidade Católica de Brasília, onde também cursa Educação Física. Bruno, no entanto, participou do campeonato candango deste ano, quando vestiu a camisa da Sociedade Esportiva Brazlândia. Na mesma academia que Bruno consegue seu sustento, Igor Diego mantém a forma física. Há três anos, Igor veio do Piauí, com a única finalidade de jogar futebol em Brasília. Sem oportunidades, o atleta foi convidado por uma universidade para jogar futebol universitário e se mantém, financeiramente, trabalhando com seu tio em um supermercado em Ceilândia, distante 32 km do centro do poder.

Johnnie Diego cresceu nos campos de Brasília, o jogador coleciona histórias no futebol, ao longo de seus 25 anos de idade, inclusive viagens internacionais. No entanto, o jogador nem sempre viveu só de atuações dentro das quatro linhas, e

hoje trabalha como assistente administrativo em uma loja de informática, na Ceilândia, em conjunto com o irmão mais velho.

O último personagem das gravações é o mais jovem de todos. Franklin Pimentel ainda estudava quando foi feita a filmagem. Goleiro reserva do clube Atlético Bandeirante, da segunda divisão do futebol local, o garoto de apenas 17 anos se profissionalizou em 2012 e mantém viva a esperança de ser um jogador famoso.

Ao fim das gravações, para explicar essa necessidade de trabalhar e jogar bola foi necessário um especialista na área esportiva, para compreender o estilo de vida dos jogadores. José Cruz, por sua experiência e aproximação com assuntos esportivos analisou o problema e também a situação do futebol local.

4.2 – Relatórios de atividades

A expectativa do planejamento era de encontrar onze jogadores, sem restrições de posições, que tivessem vivenciado a experiência de jogar bola e também trabalhar. A ideia inicial, no entanto, não se confirmou devido alguns indeferimentos de entrevistas e filmagens, durante os sete meses de trabalho e pesquisa.

As gravações de Duplo Emprego Esporte Clube aconteceram entre os dias 14 de março e 05 de outubro de 2012. Abaixo, mais detalhes sobre os entrevistados e momentos das filmagens.

Entrevistados:

Abraão Aparecido dos Santos, Johnny Carvalho, Nélisson Assunção, Gilson Serejo, o Somália. Igor Diego Moura, Johnnie Diego Sousa, Franklin Pimentel e o jornalista José da Cruz

1. Abraão Hildo de Carvalho

Conteúdo da entrevista: Abraão falou da sua rotina quando tinha dois empregos. O jogador mostrou o ambiente de treino no clube e também lembrou sua rotina dupla, ao ir à rodoviária e conceder entrevista dentro de um ônibus coletivo da cidade. Atualmente o goleiro também coordena as categorias de base da Sociedade Esportiva Brazlândia.

Locais para gravações: Estádio Chapadinha, em Brazlândia. Campo em frente ao estádio e rodoviária central da cidade.

Relatório: Houve uma conversa rápida, onde foi explicado o objetivo das filmagens. Em seguida o personagem autorizou as gravações e acompanhamos um pouco o seu trabalho. A entrevista foi realizada sem interferir na rotina do atleta para que ele se sentisse mais a vontade. Foram feitas imagens do treino da equipe do personagem. Lucas Pacheco me acompanhou na gravação

2. Johnny Carvalho

Conteúdo da entrevista: O jogador contou de sua rotina neste ano. Com um contrato de apenas três meses com o Gama-DF, Johny revelou até seu salário e por incrível que pareça, o de vigilante é bem maior do que o de jogador profissional. O lateral já teve uma dupla rotina anterior a esta. Estudou enfermagem, mas não concluiu o curso por problemas com o futebol. Segundo o jogador, seu maior erro foi não ter pedido a Deus para jogar em um clube de expressão no futebol.

Local das gravações: Colégio Origem, no Núcleo Bandeirante-DF.

Relatório: Houve uma conversa rápida, onde foi explicado o objetivo das filmagens. Em seguida o personagem autorizou as gravações e começamos a preparar os equipamentos para gravar. A entrevista foi realizada em um dos corredores da escola, sem interferir na rotina do atleta para que ele se sentisse mais a vontade. O jogador falou abertamente sobre sua questão salarial, contratual e profissional. Sérgio Vinícius, Rodolfo Costa e Lucas Pacheco me acompanharam na gravação.

3. Nélisson Assunção Teles

Conteúdo da Entrevista: Desde pequeno o futebol sempre esteve presente na vida de Nélisson. Vivendo seu melhor momento profissionalmente em sua carreira, o atacante do Luziânia falou sobre suas rotinas de trabalho. Também foram abordados assuntos financeiros e contratuais, que o jogador respondeu, sem restrições

Locais das gravações: Estádio Serra do Lago, em Luziânia-GO e escritório de contabilidade onde o jogador é Office-boy.

Relatório: A ida ao estádio Serra do Lago serviu para um primeiro contato com o atacante, que foi um das revelações do campeonato candango. Lá, o treinador de Nélisson, José Roberto Cavalo também falou sobre a rotina e a contribuição do jogador em campo. Dois dias depois, no escritório de contabilidade, no centro de Luziânia-GO, Nélisson mostrou sua outra maneira de sustento e concedeu entrevista, onde falou tanto da vida no escritório, quanto da vida de boleiro. Lucas Pacheco esteve comigo em Luziânia.

4. Gilson Serejo, Somália

Conteúdo da Entrevista: Gilson reviveu seu emprego da época em que defendia a Sociedade Esportiva Brazlândia, no final de 2011, quando conquistou com o clube o acesso à primeira divisão do futebol candango. Também foram ouvidos ex-companheiros de trabalho no setor de faturamento do hospital.

Locais das gravações: Hospital Anchieta, em Taguatinga e centro de treinamento do Brasiliense, no Setor de Clubes Sul.

Relatório: A história de Somália foi revelada pelo jornalista Roberto Naves, no site da atual equipe do jogador. Em uma conversa após um treino, o zagueiro da equipe amarela concordou em voltar ao seu antigo lugar de trabalho e relembrar sua rotina. No ex-local de trabalho, o jogador reviveu sua rotina que ajudou no sustento de sua família por oito meses, antes de dar a sorte de ser contratado pelo Brasiliense Futebol Clube.

5. Igor Diego Moura

Conteúdo da entrevista: Natural de Água Branca, no Piauí, Igor veio para Brasília com a intenção de continuar o sonho de se tornar um jogador. Na conversa o atleta relata sua rotina diária, desde o trabalho com seu tio até o treino de futebol. Igor também foi acompanhado em dia de jogo.

Locais das gravações: Praça da QR 829, na Expansão da Samambaia Norte. O trabalho de Igor é em um supermercado, no setor P Norte, em Ceilândia.

Relatório: Igor não poupou histórias diante da câmera. O jogador contou parte de sua história, desde o Piauí até a vinda para Brasília e o desânimo com o futebol local. No trabalho, o personagem também contou toda sua rotina e comentou sobre a situação de trabalho e expectativas para o futuro. Leandro Sousa me acompanhou na entrevista

6. Franklin Pimentel

Conteúdo da entrevista: Com 17 anos, Franklin falou sobre a situação do futebol brasileiro e seu dia-a-dia. Mas não foi só isso. Ao microfone o jogador ainda revelou questões contratuais e traçou metas para seu futuro.

Locais das gravações: Campo do Jaguar Esporte Clube, no Rodeador, Taguatinga e Centro de Ensino Médio 04 de Taguatinga.

Relatório: A entrevista acrescentou ao documentário um âmbito diferente. A escola, que é apontado pelo jornalista José Cruz como uma das ausências na formação dos atletas, ainda é o cenário de Franklin, que sonha em ter um futuro melhor sem largar os estudos. O jogador falou sem restrições a todos os assuntos propostos, inclusive o financeiro. Imagens captadas em bom número. Sonoras com um pouco de interferência do vento. Robmilson Júnior me forneceu o contato do personagem.

7. Johnnie Diego Sousa

Conteúdo da entrevista: Futebol em geral. Com 25 anos, mas muita experiência nos campos de futebol, Johnnie foi bem enfático ao falar do futebol local. Assuntos extracampos dominaram a entrevista, que foi concedida logo após um jogo do atleta.

Locais das gravações: Universidade Católica de Brasília e SN2 Informática, em Ceilândia.

Relatório: Imagens feitas com sucesso, sem a interferência de ruídos nas sonoras. Johnnie falou por quase dez minutos sobre os assuntos ditados no conteúdo da entrevista.

8. Rodrigo Galvão

Conteúdo da entrevista: Rodrigo concedeu entrevista sobre futebol e sua questão contratual com o atual clube, o Capital. O jogador também comentou sobre os empregos que teve, já que quando foi entrevistado, tinha acabado de pedir demissão de uma empresa de telefonia. O jogador ainda contou algumas curiosidades, onde se destaca o momento em que jogou contra Túlio Maravilha

Local da gravação: Samambaia Norte

Relatório: Material de entrevista foi suficiente para o objetivo deste trabalho. No entanto, o time que Rodrigo treinava entrou em férias e só volta às atividades no fim deste ano, o que tornou inviável a inclusão deste material, por falta de imagens de jogo ou treino.

9. José da Cruz e Souza

Conteúdo da Entrevista: Estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas. Relatos dos jogadores entrevistados, além de explicações e expectativas quanto a questão de organização no futebol de Brasília/ Brasil e a dupla rotina dos jogadores. Situação da Federação Brasiliense de Futebol. Futebol de Brasília. Megaeventos.

Local das Gravações: Bloco 10, Centro Universitário de Brasília.

Relatório: A situação pesquisada ao longo dos sete meses de trabalho foi levada para um especialista que acompanha a área esportiva. José Cruz foi escolhido pelos longos anos em que cobre esporte dentro dos campos, mas também por ser leal crítico e conhecedor de questões além das práticas esportivas, incluindo legislações, estatísticas, estudos que analisam o mundo esportivo.

5 EDIÇÃO E ROTEIRO

A montagem do vídeo, primeiramente, aconteceu no papel. Inúmeras folhas foram amassadas e jogadas fora, para que a materialização do filme ocorresse no programa de edição. Nessas folhas também ficaram registradas as mais de quatro horas de gravação, que também extraídas de onze fitas DV que a filmagem gerou.

Com o material decupado chegou a hora de decidir a ordem das histórias. A primeira ideia de montagem foi contar personagem por personagem de cada jogador, o que, ocasionalmente, gerou um volume muito grande do personagem por determinado tempo e depois ele não aparecia mais na tela. Com essa estrutura o vídeo não mostraria com fervor o problema que ocorre no futebol do Distrito Federal. Como explica Barry Hampe em seu artigo¹³, é necessário mostrar, relatar o problema acima de tudo. Se não mostrar o fato e apenas citá-lo, seria algo que imprensa escrita faria com o mesmo destaque.

Um início enigmático seria fator preponderante para prender um telespectador. E esse pensamento foi levado em consideração durante todo o processo de montagem e edição, por isso foi pensado em uma nova estrutura para a apresentação. A mescla das histórias com a explicação do jornalista José Cruz rendeu ao filme um movimento maior, mais participação e organização.

Já a parte técnica contou com o apoio do setor de audiovisual do UniCEUB. Filmadora, microfone de lapela, sangan e tripé foram disponibilizados para as realizações de entrevistas e acompanhamentos das rotinas dos personagens, além de jogos e treinamentos. Para outros ângulos de filmagem e fotos, foi utilizada uma máquina semiprofissional sem o auxílio de tripé.

O processo de editar aconteceu fora dos laboratórios e ilhas de edição da instituição. O programa utilizado foi o *Sony Vegas 11* e nas sonoras o *Sony Sound Forge*. A escolha do primeiro foi devido a sua facilidade na *interface*, o segundo pela fácil integração com o *Vegas*.

¹³ Escrevendo um documentário

Antes de tudo isso, teve de ser feita a identidade visual do vídeo. Faixa jornalística, logomarca cartazes e algumas telas foram previamente produzidas em softwares de criação. Nesta parte também houve mudanças. A primeira a ocorrer foi na logomarca do documentário, que segue nos anexos. A primeira logomarca foi tradicional feito em um escudo de clube de futebol, mas sem mostrar o nome Duplo Emprego Esporte Clube. A mudança veio após uma avaliação do professor Bruno Nalon, que alterou a identidade, mostrando o nome do filme e também acrescentando outros elementos visuais.

A faixa jornalística para entrada de caracteres sofreu uma mudança radical. De verde e opaca, passou a contar com a marca do produto em disposição, além de uma cor mais chamativa. Já as definições de tipografias obedeceram ao requisito do tema esportivo, tanto nos cartazes, créditos, e caracteres. A entrada dos caracteres contou ainda com uma fonte especial, que para cada letra apresenta uma jogada de futebol. Esse recurso foi bem aceito e, para cada personagem foi estabelecido uma letra diferente.

As fotografias registradas durante as filmagens auxiliaram na técnica e assim forneceu uma diversidade à edição. Alguns jogadores, como no caso do Johnnie Diego, colocaram a disposição o arquivo pessoal de fotos para auxílio na edição das imagens. Algumas filmagens foram feitas com uma câmera menor, com a finalidade de variação nos ângulos das tomadas.

Na linha de edição, três histórias tiveram de ficar fora do vídeo: as gravações de Johnny Carvalho, Rodrigo Galvão e Bruno Mendes. As duas primeiras renderam boas histórias, mas as imagens de jogos e treinos eram insuficientes para cobrir as sonoras de cada um. Caso as sonoras entrassem, a edição se tornaria muito pesada, na parte destes dois personagens, o que acarretaria em um acúmulo de material em certas partes do documentário. Já a situação de Bruno não conseguiu ser solucionada com os programas de edição. O personagem trabalha em uma academia e durante a gravação o áudio, foi capturado no mesmo canal da voz. Assim, se aumentássemos o canal de voz, conseqüentemente, a música também iria aumentar. Na linha de edição do vídeo, os trechos selecionados causaram um incômodo e mesmo com legenda causou ruído não entendimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sete meses de trabalho necessários para apresentar um retrato em vídeo sobre a situação dos jogadores do futebol brasileiro foram distribuídos em atividades que foram da definição do tema e abordagem, até a edição final do conteúdo. O produto serviu para destrinchar o que acontece nos campos, estádios e também fora deles, aqui da capital federal. Todo esse problema se tornou uma estimulante incógnita para o avanço do trabalho.

O vídeo, inicialmente, esperava contar com onze atletas, como em uma agremiação total de futebol profissional, mas sem os privilégios de um esquema tático, que requer tantos jogadores em uma determinada posição em campo. Ou seja, não foi almejado um time perfeito, desde o goleiro ao atacante, mas sim histórias, sem se preocupar com a função do atleta dentro do campo de futebol, defendendo seu clube.

O intuito era de mostrar a realidade dos jogadores que atuam no cenário do futebol brasileiro, defendendo os inexpressivos clubes do Distrito Federal. Antes de entrevistas, filmagens e apurações, instrumentos essenciais da atmosfera jornalística, o cenário da bola no Distrito Federal se apresentou como o primeiro enigma. O início dos trabalhos dependia do início do campeonato local e, ali já se via algumas realidades do que seriam descobertos dias mais tarde.

As apurações das reportagens foram, dia após dia, se tornando cada vez mais intensas e construtivas, ao ponto de retratarem as suspeitas que o projeto inicial do filme tinha em princípio. Os personagens apareceram das diversas formas: contato por telefone, por amigos, pela internet e a maioria nas próprias entrevistas, por meio de indicações dos próprios jogadores. Mas também foram inúmeras as respostas negativas que a produção do documentário recebeu. Outras aceitações tornaram-se rejeições após um tempo, isso fez com que time do duplo emprego ficasse desfalcado.

A visão depois do trabalho é que, ano a ano em que essa situação se repete mais longínquo pode se avistar uma expectativa de deferimento na situação de clubes, jogadores e atletas.

Este documentário se baseou em outras reportagens para ocorrer. Apresenta um assunto polêmico e instigante, aliado ao esporte de maior apelo popular e de paixão nacional e, certamente, ainda renderá muito material para a produção de pautas em veículos de comunicação de massa. As histórias humanas da atmosfera jornalística fornecem uma extensão de descobrimentos, através do instrumento da apuração.

O jornalista José Cruz ajuda a compreender as realidades apresentadas. Em entrevista, explica que a política é o “carrapato” que atrapalha a continuidade da boa gestão esportiva aqui em Brasília. Enquanto tivermos jogos políticos em salas de reuniões com ar-condicionado, ao invés de jogadores realmente profissionais, o amadorismo rondará os estádios brasilienses, sentará nas arquibancadas e não apontará para um novo modo de gerir um esporte que é paixão nacional. A discussão não é nova, mas promete se estender por um indeterminado tempo.

As respostas e soluções para essa circunstância devem se tornar concretas somente quando os empresários, que movem esse mercado do futebol brasileiro, acatarem uma das afirmações do jornalista José Cruz. “O futebol no mundo é a maior lavanderia a céu aberto que se conhece. Aí estão participando empresários. Então eu não sei até que ponto os empresários de Brasília, que estão envolvidos em nosso futebol, têm interesse em fazer melhorar o nível técnico do futebol. Por quê? À proporção que isso melhorar, nós temos que ter outro tipo de administração, outro tipo de controle, outro tipo de gestão. E isso exige, basicamente, movimentação de muito dinheiro e transparência”.

7 - REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2004.

É dura a vida na segundona. Correio Braziliense, Brasília, 26 de set. 2011. Caderno Super Esportes. p.8-9.

FILHO, Mário Rodrigues. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HAMPE, Barry. *Making Documentary films ans reality vídeos*. New York: Henry Holt and Company, 1997. (Tradução: Roberto Braga)

IBGE. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios: Pnad*. Brasília: IBGE, 2009.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MELO, Cristina Teixeira. O documentário como gênero audiovisual. Intercom. Salvador, 01 dez. 2002.

PENAFRIA, Manuela. *O filme documentário: História, identidade, tecnologia*. Lisboa: Cosmos, 1999

PENAFRIA, Manuela. *O paradigma documentário: António Campos, Cineasta*. Covilhã: Livros Labcom, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. (Org.). *Teoria Contemporânea do Cinema: documentário e narrativa ficcional*. São Paulo: SENAC, 2005. v.2

RAMOS, Fernão Pessoa; CATANI, Afrânio (orgs.). *Estudos de cinema SOCINE 2000*. Porto Alegre: Sulina, 2001. P. 192-207

SARDENBERG, Luís Felipe. *Duplo emprego futebol clube*. *Jornal Esquina*, Brasília, maio 2010, p.16.

TUCHMAN, Gaye. *A objetividade como ritual estratégico*. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teoria e estórias*. Lisboa. Vega. 1993. p. 74 - 90.

Documentos digitais

AGUIAR, Leonel Azevedo de; PROCHNIK, Luísa. *Questões metodológicas sobre a teoria do newsmaking: um estudo de caso sobre o jornalismo esportivo*. , 2011. Disponível em: <<http://www.fnj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=691&print=1&cf=22>>. Acesso em: 10 set. 2012.

CAPELO, Rodrigo. *Brasileiro vê bilheterias estagnadas entre 2010 e 2011*. Disponível em < <http://www.maquinadoesporte.com.br/i/noticias/gestao/21/21932/Brasileiro-ve-bilheterias-estagnadas-entre-2010-e-2011/index.php>>. Acesso em: 28 set. 2011.

BRASIL, ESPN. *Capitais do futebol*. , 2012. Disponível em: <<http://espn>brasil1.espn.com.br/capitaisdofutebol/rio.asp>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

JUNG, Milton. *Futebol brasileiro, um negócio mal feito*. 2012. Disponível em: <<http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/platb/miltonjung/2012/01/11/futebol-brasileiro-um-negocio-mal-feito/>>. Acesso em: 23 mar. 2012.

PENAFRIA, Manuela. *O ponto de vista no filme documentário*. , 2001. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.html>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

RASLAN FILHO, Gilson. *Quando a indústria produz dialética e a crítica não é crise: Notas sobre o conceito de indústria cultural*. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/raslan-filho-quando-a-industria-produz-dialetica-e-a-critica-nao-e-crise.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2012.

ROCHA, Leonardo Coelho. O caso ônibus 174: Entre o documentário e o telejornal. , 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-leonardo-documentario-telejornal.html>>. Acesso em: 11 set. 2012.

SOUSA, Li-chang Shuen Cristina Silva. Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento. , 2005. Disponível em:<http://sbpjour.kamotini.ghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/ind_li_chang_sousa.pdf>. Acesso em: 25 set. 2012.

APÊNDICE I – Roteiro do filme

Legenda DEEC – Duplo Emprego Esporte Clube

Cartaz com frase: “Se todas as batalhas dos homens se dessem apenas nos campos de futebol, quão belas seriam as guerras”

Sobe som na roda de bobinho. Em seguida, treze cenas de treinos e jogos, sobre seis depoimentos dos personagens falando sobre futebol, sem que eles apareçam.

Cartaz de apresentação: Logomarca DUPLO EMPREGO ESPORTE CLUBE.
Som: playback de fundo

Cartaz com tela dividida. Imagens dos personagens do vídeo em treinos de suas equipes e nos seus respectivos trabalhos. Pela ordem, Nélisson Assunção, Igor Moura, Gilson Serejo e Abraão

Trilha: Playback da música Os Lucs, banda Brown-Há.

Fita 04 - Sonora Nélisson

Meu nome é Nélisson Assunção Teles, tenho 24 anos, sou jogador de futebol

Imagem: Fotografia de Nélisson, com animação.

Trilha musical

Fita 04 - Sonora - José Roberto Cavallo

Normalmente é difícil um atleta profissional conciliar essa rotina de trabalhar e ter que manter essa rotinha de treinamento. Aqui conosco é possível, até porque nós trabalhamos dois períodos, e o primeiro período é na academia. Praticamente trabalhamos duas três vezes pela semana. E ele consegue conciliar essa ida dela para a academia e depois ir para o trabalho dele o escritório. A tarde não tem como

trabalhar, não tem como liberar ele para o trabalho, até porque nós trabalhamos intensivamente a parte da tarde, como treinamentos de posicionamento, trabalho tático, trabalho físico. Mas por outro lado, uma situação que já tinha sido tratada com os empresários dele, na hora em que ele assinou o contrato e até agora, graças a Deus, não atrapalhou ele em momento nenhum.

Imagem: Plano fechado no treinador José Roberto Cavalo, sequência de imagens do trabalho de Nélisson, na rua.

Fita 09 - Sonora Igor Moura

Eu vim do Piauí especificamente para jogar futebol. Vim não sabendo se ia jogar, mas vim à procura. E tive a oportunidade de jogar no Ceilândia e fui crescendo, joguei no Ceilandense também, passei pelo Cruzeiro, Capital, e assim, o futebol aqui em Brasília hoje é complicado.

Fita 11 - Sonora José Cruz

Nós não temos a gestão profissional. Então há os desmandos, então por isso que nós temos o campeonato fraco, os contratos mal elaborados, os jogadores com contratos por tempo limitado, depois indo para o subemprego, se frustrando profissionalmente, deixando de exibir seu profissionalismo, para poder ser aproveitado em outros clubes. Então, esse comércio do futebol da bola aqui em Brasília se torna prejudicado. Mas não é só em Brasília. Se nós formos no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Maranhão, os campeonatos regionais são fracassados também.

Imagem: Plano fechado José Cruz

Imagens: Gilson Serejo digitando e folheando em cima de uma mesa

Fita 05 - Sonora Gilson Serejo

Sensação boa, né? Lugar que eu tive muitas alegrias experiência. Aprendi várias coisas e estar retornando é sempre bom.

Fita 05 – Sonora Ronny, amigo do Somália

O Gil, ele trabalhava aqui, mas o que ele gostava de fazer mesmo era jogar bola. Ele trabalhava aqui meio período, né? E a tarde ele jogava bola, acho que no Brazlândia, que ele jogava bola. Era o sonho dele, mas ele conseguia conciliar o trabalho aqui com o futebol. Mas o sonho dele era jogar bola mesmo.

Imagem: Jogo entre Brazlândia-DF e Brasiliense, no estádio Chapadinha.

Narrador da TV Brasiliense: Decorridos onze minutos e meio desse primeiro tempo, aqui estádio Chapadinha. Brazlândia e Brasiliense, Candangão primeiro turno, Rodrigo Cardoso, levantamento, Abraão bateu de soco.

Fita 2- Sonora Abraão

Pra mim era um tempo difícil, porque a gente quando tem um sonho de conquistar, ser um jogador bem sucedido na vida, a gente passa por bastantes dificuldades. Eu não tive a oportunidade de ser um jogador conhecido mundialmente, mas a experiência de vida. Por isso que eu, Abraão resolvi trabalhar à noite, porque o futebol onde que eu estava jogando, que é em Brasília, não tinha como. Às vezes amanhã você estava empregado e depois estava desempregado. E quando você tem filho, você tem que saber de onde tirar e eu resolvi trabalhar à noite.

Fita 11 - Sonora José Cruz

Acontece que aqui em Brasília, em particular, por ser uma cidade ainda jovem, de 52 anos e que teve na sua formação populacional, pessoas como eu, que vieram de outros estados, Rio Grande do Sul, principalmente Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, do nordeste, e acabam tendo os clubes de Rio, de São Paulo e de Minas, principalmente, como clubes de coração

Imagens: Plano fechado, Esplanada, Congresso Nacional, Eixo Monumental, Catedral, torcedores do Flamengo cantando, bandeira tremulando, torcida cantando.

Sobe som na torcida “Vai começar a festa...”

Cartaz Paixão e conquistas

Trilha – Indeciso, Brown-Há

Imagem: Jogo entre Luziânia e Brasiliense

(00:15” – 00:21”)

Narração: Vem de novo para a presença da jogada, volta de jogo com Kabrine, novo levantamento fechado, a cabeçada Nélisson.

Fita 04 - Sonora Nélisson

Sempre sonhei, sempre foi a coisa que mais quis na vida, mas sempre tive que trabalhar, desde cedo, então nunca apareceu a oportunidade. Aí surgiu essa oportunidade esse ano, primeira divisão, começou a dar certo e agora quero ver se eu consigo levar essa profissão em frente.

Fita 03 – José Roberto Cavallo – Técnico do Luziânia

Foi um dos jogadores mais expressivos na conquista do primeiro turno. Participou efetivamente de todos os jogos. Tem nos ajudado muito e vai continuar nos ajudando

Imagem: Plano Fechado

Imagem: Jogo entre Brasiliense e Dom Pedro

Narração: Olha o Somália ganhou, deixou com Elivelto, lá vem o Brasiliense, tocou pro Somália, olha o zagueiro, rolou, Acosta preparou pra batida. Houve o desvio.

Fita 05 - Sonora Somália

Graças a Deus aconteceu tudo muito rápido, não esperava estar em um Brasiliense assim tão cedo, ainda mais que comecei a jogar futebol tarde, eu me profissionalizei em 2010, com 21 anos.

Fita 09 - Sonora Igor Moura

Quando eu entrei no Celândia, a oportunidade era pouca de entrar profissional. Tinha que começar na base, infantil, juvenil. E assim, como eu cheguei e joguei no juvenil, não tinha salário, aí é chato. Aí tive que arrumar um emprego porque não dá para se manter.

Imagem: Plano fechado

Sobe som na imagem de treino

Fita 10 - Sonora Franklin

Sou goleiro, tenho um metro e noventa e cinco, aonde que eu vou, onde que eu passo, os caras ficam loucos com minha altura, estatura, porque hoje em dia goleiro tem que ser alto. Futebol pra mim é a minha vida. Única coisa que sei fazer, não vou mentir, não sou chegado a estudar, mas é meu sonho, vou correr atrás, mas também não vou deixar os estudos, porque sem estudo a gente não é nada.

Imagem: Plano fechado

Imagens: Continua imagem de treino, em seguida entra cena em plano fechado.

Fita 11 - Sonora José Cruz

Esse é o nosso futebol brasileiro. Lamentavelmente essa é a nossa realidade. Por quê? Porque não há interesse na parte organizacional, não há interesse porque não interessa o transparente. A gestão está nas mãos de poucas pessoas. Essas poucas pessoas dominam. Hoje, o jogador, ao contrário de algumas décadas ele não é um patrimônio do clube. Ele é patrimônio de uma pessoa, de uma instituição de uma empresa que compra e tem participação. No momento que esse atleta é vendido, o dinheiro é repartido. Então a coisa se tornou muito obscurecida e suspeita.

Imagens: Jogo entre Brazlândia e Brasiliense

Narrador: Fez o domínio de cabeça, botou na frente, levou pra linha de fundo. O Tiago Piai está mais retraído. Pediu, recebeu Piai, prepara para a infiltração, vai para o corte, costurou o primeiro, vai pra cima do segundo, jogadassa, disparou... Abraão!

Fita 01- Sonora Abraão de Carvalho

A gente tem algumas dificuldades, que a gente passa no dia-a-dia como profissional. E nesse tempo todos de trabalho tiveram altos e baixos também.

Fita 09 - Sobe som – Treino na católica

Fita 10 - Sonora Johnnie Diego

Joguei no Gama, fui júniores do Brasiliense, aí eu me profissionalizei, fui pro Brazsat. No Brazsat fizemos algumas excursões para a Europa. Amsterdã, Barcelona, Portugal. De lá fizeram meu DVD e as pessoas gostaram muito do meu trabalho, aí me levaram lá para a África do Sul. Na África do Sul eu fiquei seis meses lá e por questões de contrato não dei muito certo lá, aí eu voltei.

Imagens: Plano fechado, foto das viagens, plano fechado

Fita 05 - Sonora Gilson Serejo

Trabalhava das oito às catorze horas. Daqui eu almoçava aqui mesmo, pegava o ônibus lá em cima e ia para o treino que começava umas quinze e trinta mais ou menos.

Imagens: Gilson trabalhando; plano fechado

Fita 02 - Sonora Abraão de Carvalho

Quando eu trabalhava de cobrador meu salário era um salário e meio. Tinha mais ticket e refeição.

DEEC - E como jogador, você ganhava quanto?

Como jogador eu ganhava três, quatro salários mínimos, cinco salários mínimos, que hoje é proporcional a dois mil e quinhentos, na época.

Imagens: Abraão no ônibus

Fita 11 - Sonora José Cruz

Tivemos aqui, em Brasília já, um clube que fez muito sucesso nos anos sessenta setenta, que é, ocasionalmente desta universidade que nós estamos dando entrevista hoje que é o UniCEUB. Na época era o CEUB. O CEUB fez sucesso nacional, foi uma grande equipe, mas depois, por questões institucionais a universidade decidiu não investir mais no clube de futebol e ele caiu. Veio o Gama, que chegou à primeira divisão, veio o Brasiliense, que chegou à primeira divisão, caíram, e hoje o que nos temos é um campeonato regional fraco. Uma representação nas séries C e D do campeonato brasileiro, inexpressivas e contrapartida temos fartura de estádios.

Imagens: Plano fechado, time do Gama equipe do Brasiliense, arquibancada vazia, jogo, gândula sentado, plano fechado para aberto.

Fita 05 - Sonora Somália

É um sonho de qualquer jogador, inclusive daqui de Brasília , está em um time como o Brasiliense, que é o time grande daqui, joga o campeonato da terceira divisão do brasileiro

Imagem: Plano fechado

Fita 10 - Johnnie Diego

Hoje eu estou trabalhando com meu irmão. Abrimos uma loja de informática. É um trabalho mesmo do dia-a-dia, trabalho, estou lutando. Trabalho, estudo e ainda tem que jogar bola ainda

Imagens: Personagem: frente da loja; trabalhando; jogo

Fita 02 – Sonora Abraão de Carvalho

Tem hora que você tem que se focar em alguma coisa. Eu comecei a me focar mais no futebol. A Sair para outros lugares, jogar em outros estados, ter experiência de vida.

Imagem: Abraão andando na rodoviária

Fita 09 - Sonora Igor Moura

- Minha cidade fica a cem quilômetros da capital, que é Teresina e eu jogava em um time em Água Branca, que é minha cidade. Onde minha mãe mora, meu pai, meus familiares. Eu jogava em um time e surgiu a oportunidade de fazer um teste na capital, em Teresina, no River e no Flamengo. Fui, fiz o teste e passei no River, aí o prefeito da minha cidade, o Zito, patrocinou junto com a prefeitura e surgiu a oportunidade de morara lá, estudar e jogar no time, mas sem receber nada ainda.

Imagem: Plano fechado, reprodução Google Earth

Fita 11 - Sonora José Cruz

O futebol no mundo é a maior lavanderia a céu aberto que se conhece. Aí estão participando empresários. Então eu não sei até que ponto os empresário de Brasília, que estão envolvidos em nosso futebol, têm interesse em fazer melhorar o nível técnico do futebol. Por quê? À proporção que isso melhorar, nós temos que ter outro tipo de administração, um outro tipo de controle, um outro tipo de gestão. E isso exige, basicamente, movimentação de muito dinheiro e transparência.

Imagem: Treino na católica e plano fechado.

Fita 04 – Sonora Nélisson

Sempre fui louco para ser pai, mas ainda não é o momento. Não estou em condições ainda de ter um filho, colocar um filho no mundo. Mas se Deus quiser, vou ter condições em breve e vou pensar nesse objetivo .

Imagem: Plano fechado

Cartaz: Brasília: Cemitério da Bola

Fita 09 - Sonora Franklin Pimentel

Amigos meus, que jogam aqui em Brasília dizem que aqui é o cemitério da bola. Se o cara for querer ficar aqui para jogar bola é melhor estudar, virar funcionário público, pois aqui o futebol é uma decadência.

Imagem: Cartaz com a frase esmaecendo para estádio com pouco público

Fita 09 - Sonora Igor Moura

O futebol de Brasília hoje é muito fraco. Os jogadores que jogam a segunda divisão jogam a primeira. Os que jogam a primeira, os times que rebaixam, quando termina a primeira divisão vai começar a segunda. Os jogadores que jogam na primeira divisão descem para jogar na segunda. Os da segunda, quando terminam , sobem quatro times, dois, e os mesmos que jogam na segunda jogam na primeira.

Imagem: Personagem gesticulando

Fita 04 – Sonora Nélisson

Necessidade, né. Não vivo só do futebol. Preciso muito ainda de um emprego e no momento a gente tem que se virar. Se Deus quiser eu vou arrumar uma coisa boa pra mim e eu quero viver só do futebol de agora em diante – 02:04”)

Imagem: Nélisson no banco; plano fechado.

Fita 11 - Sonora José Cruz

O cenário do futebol brasiliense, atualmente, é o cenário do futebol brasiliense de dez anos, de vinte anos, de trinta anos, quando cheguei em Brasília. Não mudou.

Imagem: Plano fechado

Fita10 - Sonora Johnnie Diego

Infelizmente o futebol aqui de Brasília ele não é levado a sério. Tem muitas pessoas aqui nas equipes que tinham que trabalhar no amador.

Imagem: Plano fechado

Imagens: Jogo entre Brasiliense e Luziânia

Narração do jogo: Enfiada pro Nélisson, olha o Luziânia, pode pintar o gol de honra. Preparou Nélisson, parou, brecou. Vem pra finta, colocou por dentro. Passe errado para o Tiago.

Fita 04 - Sonora Nélisson

Esse tempo assim. Esse meio de mês que era vantajoso, pois aqui era mais tranquilo, aí eu poderia me dedicar mais o futebol. Mas até o dia 15, do dia primeiro

até o dia quinze era muito corrido pra mim. Não parava nenhum dos dois, aqui é muito movimentado, aí tinha que andar muito.

Imagem: Plano fechado, mais baixo

Fita 05 - Sonora Somália

Graças a Deus eu tive a oportunidade de estar conciliando o trabalho com o futebol, porque aqui como a gente sabe, nem todos os times pagam bem, pagam direito. Então se a gente fosse depender só do futebol, talvez não desse pra viver.

Imagem: Plano fechado

Sobe som: Bora, bora. Vem pegar aqui, hein. Vem pegar aqui. Agora se alonga. Alonga sentado mesmo. Alonga minhas costas aqui.

Fita 10 - Sonora Franklin

O futebol de Brasília pra mim não é muito bem administrado, porque os times que tem dinheiro, por exemplo, não investe no jogador de Brasília. Prefere trazer jogadores de fora, não investe no daqui. Muitas pessoas desistem do sonho por causa disso, porque aqui não tem a oportunidade de vingar.

Sobe som – Igor conversa com cliente: A cerveja em lata é quanto? Dois e cinquenta. Vai levar? De qual que é essa aí? Da pequena? É da pequena.

Imagens: Igor Moura no supermercado

Fita 09 - Sonora Igor Moura

Eu trabalho com meu tio no supermercado, assim, e pra ele... E pra mim é bom porque ele compreende demais porque eu trabalho pra ele e posso sair qualquer hora tal... Mas assim, eu treino de manhã e trabalho a tarde. Quando eu treino a tarde, trabalho de manhã.

Imagens: Treino

Fita 11 - Sonora José Cruz

A gente também vem fortalecer essa fragilidade do futebol, né? Quer dizer... E repara que eu não tenho esse dado, mas eu acredito que a maioria dos jogadores não está se preparando culturalmente. Será que eles estão estudando? Quantos estão estudando?

Imagem jogador andando na escola

Fita 10 - Sonora Franklin

- É eu vou pra escola saio, volto meio dia e quinze. Aí chego em casa, almoço, às vezes durmo ou senão fico na internet. Aí tem que subir pro Taguaparque de pé, que eu moro na QNG. Aí venho, fico aqui até umas seis e meia. Aí segunda e quarta eu tenho curso de inglês, aí entro no curso umas oito horas. E nos outros dias da semana eu malho a noite.

Fita 09 - Sonora Igor Moura

Não tem renovação, não vem jogador de fora. Time mais bem estruturado hoje aqui em Brasília mesmo, que todos nós sabemos é o Brasiliense e está do jeito que está.

Imagem: Plano aberto

Imagens: Brasiliense sofrendo gols

Trilha: Jorge e Penitenciários, Brown-Há

Imagem: Franklin

DEEC: Você pode revelar quanto você ganha por mês?

Fita 10 - Sonora Franklin

Rapaz, tava no contrato seiscentos e cinquenta, mas... Assinei aí até um recibo de pagamento, mas falaram que iam acertar essa semana.

DEEC: De quanto tempo é esse atraso?

Fita 10 - Sonora Franklin

Três meses.

DEEC- E você recebeu algum desses três meses?

Fita 10 - Sonora Franklin

Não.

Fita 09 - Sonora Igor Moura

O contrato de um time de futebol aqui em Brasília hoje é, três meses... No máximo. E você vai largar um emprego pra ir jogar futebol? Você tem três meses e num emprego você tem cinco, seis, um ano, dois... Mais garantido, bem melhor.

Cartaz: Estádio Serejão. 30 de setembro de 2012. Última rodada da segunda divisão local. Brasília Vs Bandeirante

Imagem Franklin saindo do vestiário para o campo.

DEEC - Vai agora, Franaklin?

Fita 10 - Sonora Franklin

- Hã?

DEEC - Vai agora?

Fita 10 - Sonora Franklin

Vou nada. Um atraso da p*#\$ desse time aí. O outro goleiro vai voltar, só tem mais uma substituição e tem só eu e o Gui no banco.

DEEC - Beleza.

Fita 11 - Sonora José Cruz

O Problema começa lá na cúpula dessa pirâmide, CBF, Federações, Clubes... A CBF não está preocupada e quem sofre é o clube do interior aqui em baixo. Que é justamente o que oferece o “pé de obra” para o restante do futebol brasileiro. Então, é uma situação que os jogadores vão aqui jogar futebol, é uma realidade, não resta dúvida. O público é testemunha disso, não temos público.

Imagens: Plano fechado

Imagens: Igor no mercado pegando uma caixa de papelão

Fita 09 - Sonora Igor Moura

É complicado. Então cansa bastante, você sair do trabalho para ir treinar, chegar lá um físico. Você nunca sabe qual a diferença, qual vai ser o dia de físico, coleta (treino coletivo), mas cansar, cansa bastante.

Imagem: Plano fechado

Fita 04- Sonora Nélisson

Isso é porque o futebol candango não é tão valorizado, né? O pessoal não pode só viver do futebol. Mas isso eu ainda sei que vai mudar. O futebol candango ainda vai se valorizar cada dia mais e que essa situação vai mudar.

Imagem: Nélisson sentado, plano mais aberto

Fita 10 – Sonora Johnnie Diego

Você tendo as oportunidades... Eu falo por mim. Não tive tantas oportunidades aqui em Brasília, mas se eu tivesse uma boa oportunidade no eixo Rio-São Paulo, seria mais bem aproveitada.

Fita 11 - Sonora José Cruz

- Já vi de tudo e não vejo melhorias. Eu não tenho expectativa de que os mega eventos possam contribuir para que o futebol local melhore. Pode melhorar um pouco a autoestima brasiliense e do brasileiro em geral, com as doze subsedes que nós temos na Copa do Mundo.

Imagem: Plano fechado

Fita 09 – Sonora Igor Moura

Com certeza deixar de, o futebol... Com certeza se eu me formar, eu vou focar nos estudos e trabalhar, entendeu? Com educação física, pode até ser voltar pro futebol como preparador físico ou aquela na academia, mas, futebol, acho que já era.

Imagens: Jogador no mercado e durante o treino

Fita 11 - Sonora José Cruz

Dizem os especialistas acham que futebol provoca emoções e emoções vende. Então, enquanto nós torcedores estamos na arquibancada de bandeirinha, torcendo e vibrando pelo nosso clube, nas nossas costas, nos bastidores, são feitas negociatas milionárias. Negociatas milionárias, em que o governo participa, dá cobertura. Participa dando cobertura para tudo isso. Porque não é de hoje, já vem de quatro, seis governos atrás. Não é novidade isso e não é só em Brasília, acontece em outras cidades também, entende? Então, o futebol se tornou, antes de tudo, um negócio profissional, tem interesses profissionais, suspeito, de transparência opaca, porque não existe, né? E por isso que eu não acredito que

possa dizer que a Copa do Mundo possa significar um resultado positivo assim, em termos de autoestima tudo bem, mas em termos de gestão do futebol nenhuma. Porque as pessoas de hoje, são as pessoas de ontem.

Créditos finais e agradecimentos

APÊNDICE II - Termo de Autorização de uso de imagem e depoimentos

Por meio do presente termo, eu
_____, CPF _____,

RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO a pesquisador José Maciel de Melo a realizar as imagens que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento para este trabalho de conclusão de curso da faculdade de Comunicação Social com habilitação em jornalismo do UniCEUB, que aborda o tema obrigatoriedade do estágio e do diploma em jornalismo, orientado pelo professor Luiz Cláudio Ferreira.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos, em favor da pesquisa acima especificada, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Brasília, _____ de _____ de 2012

José Maciel de Melo
Pesquisador responsável pelo projeto

Entrevistado